

Editorial

O passo da crise: a decisão como um acontecimento

Ricardo Viscardi

A decisão teórica é apresentada como um leitmotiv da crise epistemológica que originou, a partir do início do século XX, a ruptura com o organicismo do século XIX. Algumas obras emblemáticas dessa crise (Husserl, Frege, Saussure) iniciaram, através de seu legado, a evolução do século XX, paralelamente à estética (impressionismo, simbolismo) e ética (revolução, descolonização) que conduziram, através das vanguardas, a um *passo* de não-retorno. A correlação cognitiva com uma ordem objetiva é colocada no limite, desde então e até a 2^a. Pós-Guerra, pela radicalização epistemológica do conhecimento.

Na medida em que o desiderato epistemológico leva à cristalização de uma linguagem-mundo, a decisão crítica vai além dos "limites da razão" prescritos pelo criticismo, um passo de crítica que substitui a objetividade da ordem universal pela crise enunciativa do discurso.

O boom tecnológico declinou, através do duplo caminho da dissuasão nuclear e da "corrida espacial", o conhecimento de uma Ordem do Mundo (ordem econômica mundial, da informação, do comércio, etc.) e levou a uma crise do estado estatal da modernidade. A crise e a decisão tornam-se parte, perante a mediação artefactual do orbe, de um passo a dar como acontecimento. Ao dar um passo imprevisível, o evento é apresentado como colocar ao limite a nostalgia (da Ordem, do significado, do sujeito): *eppur si muove*. É decidido cada vez, dando um passo para outro evento.

O texto de Fernando García e Damián Baccino retoma, na dupla perspectiva da religião e da ciência, a evolução da crise, de Asclepio à hermenêutica cristã. O regime de significância da Krisis será, a partir da diferenciação zoe / bios, ligado ao "tempo oportuno" (*Kairós*) da decisão. *Krisis e Methodía* reivindicam o senso comum às duas



noções, acima de um sentido formalista da decisão.

Senda Sferco levanta em uma chave anacrônica uma genealogia do radical grego **krr*, cuja versatilidade semica possibilita tanto o significado da mistura (*krasis*) quanto a da decisão (*kuno*) ou julgamento (*krino*). A partir da abordagem hipocrática de *krinein* (distribuição), a medição (metron) da saúde em um corpo é entendida como uma relacionalidade saudável, pois o metron medicinal abandona a singularidade elementar (ar, água, terra, fogo). A saúde vai incluir o conhecimento do médico, marcado por uma casuística pontual. O tempo oportuno (*kairós*) aparece desde então como emblema de uma *aisthesis* que ancora a percepção a cada corpo e possibilita, com essa natureza singular, a integridade da ação.

Alma Bolón aponta a emigração progressiva do termo "crise" do vocabulário médico para o vocabulário social e político, como efeito da extensão teórica que atinge o termo "corpo" a partir do Enciclopedismo. Esse significado objetivo da "crise" também implica a inscrição da linguagem como um instrumento de comunicação, que questiona a linguagem e a literatura igualmente, na medida em que limitam a trivialidade comunicacional do sujeito. A multiplicação do significado de "crise" como uma questão de mera referência instrumental, não pode deixar de negar, favorecida pelo boom tecnológico, a crise como propriedade poética da linguagem.

O texto de Rodrigo Browne levanta a questão da interpretação (hermeneia) a partir da perspectiva do suplemento, como Derrida entende, como uma analogia de sua própria crise. Na medida em que não articula a natureza e a razão entre eles, mas os substitui pela escrita, o suplemento abandona a correlação entre ausência e presença. Escrita e interpretação passam a uma relação de reversibilidade, que intervém *em vez de* saber.

Felip Gascón I Martín e Javiera Carmona colocam a crise como uma passagem das fronteiras disciplinares para as fronteiras trans-disciplinares. Este passo de crisis desarticula el binarismo en su doble condición de ausencia/presencia y utopía/mundo. O hiper-presente dos processos de comunicação, instalando uma exo-

memória, questiona a realidade binária que a mídia tradicional prescreve. Sustentado na emigração do presente para a narrativa da enunciação, uma estratégia estético-política da alteridade incorpora o que foi excluído sob o rótulo de "esquecimento". A validade da des-substancialização da crítica disciplinar passou desde então (agora já) através de uma condição ancorada na transdisciplinaridade.

Víctor Silva propõe uma "economia política visual", em cujos termos a metodologia de análise é reformulada e a verdade-factualidade é questionada. A substituição relativa do discursivo pelo visual é sustentada na intericonicidade da imagem e no anacronismo que marca sua história, de modo que uma contra-história se configura a partir do fracasso, do desconforto e da suspensão. Essa chave abre o acesso à leitura da pós-soberania, que intervém igualmente entre política e movimento, através da deflação ideológica que impõe uma "presença do presente". A ligação entre Podemos e Indignados-15M corresponde a um estado de crise política (da lógica representativa/soberana), que é analisado em torno de dois eixos do debate que abre Podemos: Hegemonía e Populismo.

Vicente Serrano identifica la decisión como reversión moderna de la omnipotencia divina en deseo racional (por ejemplo en Hegel), de manera que lo convierte en fuente de decisión siguiendo dos tradiciones principales: el contractualismo y el utilitarismo. A secularização moderna é inequivocamente reconhecida na teoria política de Karl Schmitt, na medida em que o desígnio de amizade ou inimizade decide *per se* sobre poder e justiça. Inversamente, a neutralização do desígnio rege a Teoria da Justiça de Rawls, na medida em que o "véu da ignorância", que garante o equilíbrio da decisão, inclui tanto o núcleo desiderativo quanto sua neutralização processual. A abordagem derridiana escapa tanto à operação de neutralização quanto ao núcleo desiderativo, na medida em que subordina o calculável (do direito) ao incalculável (da justiça). A tensão entre o incalculável e o calculável é resolvida no por-vir da força, que não se reduz à dignidade kantiana, também incalculável, mas imbuída de um horizonte previamente constituído. Para Derrida, o indecidível força a decisão através do evento, que se torna

razoável e não racional, quando *ad-vém* (na qual ou quem chega).